

Alberto Furuguem
(furuguem@furuguem.com.br)

A ECONOMIA MUNDIAL EM 2007 E AGORA

Em 2007, quinto ano seguido de uma economia mundial crescendo em ritmo acelerado, alguns analistas já defendiam a idéia de que a época dos ciclos econômicos poderia ter passado para a história. A prosperidade, em ritmo acelerado, poderia não ter mais fim.

Hoje, quatro anos após, depois de quase ter caído no abismo de uma depressão econômica de grandes proporções (no último trimestre de 2008, pós-quebra do Lehman Brothers), de ter passado por uma recessão, em 2009, a economia mundial apresenta um crescimento que poderia ser considerado normal, se olharmos apenas para a variação do PIB global.

Se olharmos para os problemas “pontuais” que estão tirando o sono de muita gente, entretanto, temos que reconhecer que muita coisa mudou após o “paraíso terrestre” em que vivíamos em 2007. Se não, vejamos:

- Na maior economia do mundo, a Norte-Americana, o Presidente Obama tem-se reunido diariamente, com membros do Congresso, na busca de apoio para aprovação de um novo teto para a dívida pública (que já atingiu o valor do PIB, de 14,3 trilhões de dólares). Em tese, se o teto para a dívida pública não for ampliado, o Tesouro dos Estados Unidos poderá chegar ao “default”. É natural esperar que isso não acontecerá. Mas alguém poderia imaginar uma situação como essa há alguns anos atrás?
- E a crise grega? Parece razoável esperar que o problema possa ser administrado pelo diálogo entre as partes envolvidas (Governo Grego, bancos, governos da Zona do Euro) e participação do FMI. No melhor cenário, já se sabe que o processo será longo e doloroso, com perdas substanciais para credores e investidores e sofrimento para a população grega.
- E a crise portuguesa? Também promete ser longa e dolorosa.
- E se a crise atingir outros países, de maior dimensão, como a Espanha e a Itália?

As questões “pontuais”, antes mencionadas, que chamam atenção do Mundo, no momento, parecem garantir que teremos um longo período de turbulências nos próximos anos. Todos aqueles problemas nos parecem administráveis, desde que se preservem a sensatez e o pragmatismo entre as principais lideranças de nações e instituições.

Em entrevista ao Valor Econômico da última sexta feira, Bill Rhodes, ex-executivo do Citibank (que participou ativamente de todas as etapas do longo processo de equacionamento da dívida externa dos principais países da América Latina), lembrou como todas as partes envolvidas (bancos credores privados, governos credores, países devedores, FMI) tiveram que aprender a lidar com um problema antes desconhecido.

O aprendizado com a crise da dívida dos países em desenvolvimento da América Latina pode ser útil para o gerenciamento da crise dos países chamados periféricos da Zona do Euro. As primeiras cenas desse novo filme, entretanto, fazem-nos lembrar dos primeiros passos no gerenciamento da crise da dívida externa brasileira. “Pacotes” de socorro são montados (já que o mercado não mais atende às necessidades) com a participação dos principais credores e do FMI. “Programas de austeridade” são colocados com condicionantes aos países devedores.

O mais importante é que o diálogo entre as partes tenha continuidade e que sejam aprovados tantos “pacotes” quanto “programas de ajuste” que venham a ser necessários para “regularizar” a relação entre credores e devedores.

Não há dúvida, de qualquer modo, que agora, as cifras envolvidas, são de outra ordem de grandeza. Neste sentido, podemos dizer que a atual crise da dívida na Zona do Euro constitui-se em um problema antes desconhecido.

Em toda essa situação, vale lembrar que não será possível uma solução pela simples via da recessão.

A solução para o equacionamento da dívida pública americana terá que passar pela recuperação de sua economia e não somente por cortes de despesas públicas (cujo efeito de curto prazo tem caráter recessivo). O mesmo podemos dizer em relação aos países da Zona do Euro. Mas o reconhecimento pragmático dessa condição não acontece de imediato. O desgastante processo de negociação entre credores e devedores é que irá mostrar o caminho a ser percorrido.

Felizmente, em outras áreas do Planeta, como entre os principais emergentes da Ásia e da América do Sul, o ritmo de crescimento continua relativamente acelerado, contribuindo para amenizar, em parte, as dificuldades nos Estados Unidos e na Europa.

Com a renda e o emprego em expansão e um real muito valorizado, brasileiros ajudam a sustentar o comércio em Nova York e a amenizar a crise do mercado imobiliário na Flórida. A economia chinesa (crescimento esperado de 9% em 2011) continua a desempenhar papel decisivo na sustentação do crescimento da economia mundial (estimado em 4,3% em 2011).

Não há dúvida, de qualquer modo, de que um eventual gerenciamento ineficiente da crise na Europa e nos Estados Unidos, pode colocar tudo a perder, podendo gerar nova recessão global, ou até coisa mais grave.

Não é sem razão, portanto, que os mercados andam tão estressados.

Brasil - Indicadores Seleccionados

Ítems	2007	2008	2009	2010	2011 projeção	2012 projeção
1. População (Milhões de habitantes) (1)	185,7	187,6	189,0	191,1	192,8	194,5
2. PIB (US\$ bilhões) (PPP)	1834,0	1860,0	1900	2000,0	2100,0	2180,0
3. PIB per capita (dólares) (PPP) (1)	9876	9915	10050	10460	10890,0	11210,0
4. PIB (R\$ bilhões - a preços correntes)	2661	3032	3185	3675	4010,0	4438,0
5. PIB (US\$ bilhões - a preços correntes)	1310	1491	1420	2050,0	2405,0	2495,0
6. PIB - Crescimento (% a.a.)	6,1	5,2	-0,6	7,5	4,0	4,0
- Indústria	5,3	4,1	-6,4	10,1	3,3	3,8
- Agropecuária	4,8	6,1	-4,6	6,5	3,8	4,3
- Serviços	6,1	4,9	2,2	5,4	4,1	4,4
7. Inflação (% a.a.) (preços ao consumidor) (IPCA)	4,5	5,9	4,3	5,9	6,2	5,2
8. Inflação (% a. a. - IGPM)	7,7	9,8	-1,7	11,3	6,0	5,3
9. Taxa média de desemprego (%)	9,3	8,1	8,1	6,5	6,3	6,2
10. Taxa Nominal de juros (SELIC % a.a.)	11,25	13,75	8,75	10,75	12,75	12,75
11. Taxa real de juros (% a.a.)	8,1	7,2	4,5	4,0	5,6	6,8
12. Taxa de Investimento	17,4	19,1	16,9	18,4	19,5	19,5
13. Exportações (US\$ bilhões)	160,6	197,9	153,0	201,9	253,0	261,0
14. Importações (US\$ bilhões)	120,6	173,2	127,6	181,6	233,0	250,0
15. Balança comercial (US\$ bilhões)	40,0	24,7	25,4	20,2	20,0	11,0
16. Saldo em conta-corrente (US\$ bilhões)	3,6	-28,3	-24,3	-47,5	-60,0	-70,0
17. Saldo em conta-corrente/PIB (%)	0,3	-1,8	-1,6	-2,3	-2,5	-2,8
18. Investimentos Externos (US\$ bilhões)	34,6	45,1	25,9	48,5	50,0	45,0
19. Reservas Cambiais (US\$ bilhões)	180,3	206,8	239,0	288,6	340,0	340,0
20. Dívida externa total líquida (US\$ bilhões)	-11,9	-27,7	-61,2	-50,0	-55,0	-55,0
21. Dívida externa total líquida/exportações	0,0	-0,1	-0,4	-0,3	-0,3	-0,2
22. Taxa de Câmbio final de período (R\$/US\$)	1,78	2,35	1,74	1,67	1,70	1,75
23. Taxa de Câmbio Real/Dólar (variação %)	-16,8	32,0	-26,0	-4,0	1,8	2,9
24. Déficit Público Nominal (% PIB)	2,3	2,0	3,3	2,6	2,8	2,5
Governo Federal	...	0,9	3,4	1,3
Governos Estaduais e Municipais	...	1,2	-0,1	1,3
Empresas Estatais	...	-0,1	...	0,0
25. Dívida Pública Líquida (US\$ bilhões)	674,6	490,9	773,2	883,7	914,0	953,0
26. Dívida Pública Líquida/PIB (%)	43,9	38,8	43,0	40,4	40,0	39,0
27. Dívida Pública Líquida (R\$ bilhões)	1150,4	1153,6	1345,3	1475,8	1600,0	1715,0
28. Carga Tributária (% do PIB)	34,5	34,9	34,3	35,0	36,0	36,0
29. Juros/PIB (%) ^(**)	6,3	5,6	5,4	5,4	5,5	5,3
30. Supermercados - Vendas Reais (%)	5,9	9,0	5,5	4,3	4,0	4,0

Fonte dos dados observados: IBGE, Banco Central, FGV, BNDES, IPEA; SECEX e ABRAS.

(1) Estimativa sujeita a alteração

(*) Calculado pelo Banco Mundial, utilizando o critério de Paridade de Poder de Compra (PPP) .

(**) Juros nominais